

O DISCURSO DA MULHER NA CARREIRA POLICIAL

Résumé

A travail analysera l'idéologie Qui est sous les discours produits par des policières: comment elles se voient et comment elles sont vues dans ce métier occupé surtout par des hommes.

Palavras-chave: Texto, discurso, formação discursiva, formação ideológica.

1 Considerações iniciais

Para Varikas (1989), a noção de relação de gêneros é importante aos estudos contemporâneos, pois se volta para o conhecimento da condição feminina, especificamente, para explicitar as desigualdades entre homens e mulheres.

Segundo a autora, é necessário separar sexo biológico, mais ou menos dado pela natureza, do sexo social, produto de uma construção social permanente, que cada sociedade institui para organizar as relações entre homens e mulheres.

Considerando-se que a formação discursiva determina o que pode e deve ser dito por uma determinada formação ideológica, pode-se afirmar que o sexo social é, então, determinado pelos discursos que circulam, na sociedade, sobre a relação homem e mulher.

É consenso que, em nossa sociedade, homem e mulher têm estatutos diferentes e, para cada um há regras sociais ancoradas e articuladas. Não se trata de uma distinção da atualidade, mas segundo Bruschini (1990), a opressão feminina não ocorre num período histórico determinado, mas se estende para as sociedades primitivas.

Em Análise do Discurso, memória é todo saber discursivo que torna possível outro dizer. Segundo Orlandi (1998), memória é o pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. Cabe, então, investigar, ainda que sucintamente, os “saberes discursivos” sobre a mulher.

Conforme Antunes (1992), as mulheres são educadas para serem afetuosas, para sentirem mais gratidão, para exercitarem a graciosidade, para gostarem da casa e para participarem dos trabalhos

domésticos. Isso, segundo a autora, merece crítica, pois, embora sendo tais afirmações verdadeiras, não é possível estabelecer um grau de valorização sobre as atividades voltadas para o interior (espaço reservado às mulheres) e exterior (espaço masculino). Aliado a tais discursos, podemos citar o discurso figurativo da mulher “rainha do lar”, da mulher “mãe”, da mulher “sexo frágil”.

A mulher, sem deixar o espaço interno a ela destinado sócio-historicamente, passa a ocupar, mais frequentemente na atualidade, o espaço externo. Nesse sentido, ocupa as duas funções: a de doméstica e a de trabalhadora (produtora).

Dentre as várias profissões ocupadas pela mulher, chama-nos a atenção a de policial feminino, uma vez que tal profissão era exclusividade do sexo masculino. Ainda hoje, há um percentual infinitamente superior de homens integrando o quadro dessa profissão.

Para Antunes (1992), a própria opção da mulher em exercer este espaço de ação é singular. Concordamos com essa afirmação e aliamos a ela o fato de essa opção poder caracterizar o movimento de polissemia discursiva, ou seja, o já dito retorna de forma diferente, produzindo uma ruptura nos processos de significação, conforme Orlandi (1999).

Entretanto, o exame sobre a história do policial feminino revela-nos que os textos produzidos na criação da corporação caracterizam-se por movimentos de paráfrase, isto é, o mesmo que volta, apenas com roupagens diferentes, no novo dizer.

Ao ser criada, no Brasil, a polícia feminina, consideraram-se os discursos que revelam as diferenças entre homens e mulheres. Assim, explicita-se que a polícia feminina foi criada porque as mulheres solucionam melhor as tarefas da polícia preventiva e da polícia assistencial, relacionadas às mulheres e a menores. Conforme se depreende do Guia do Policial Feminino, “a polícia feminina destina-se a executar tarefas de policiamento às quais, pela natureza, melhor se ajuste o trabalho feminino, em razão de sua formação psicológica peculiar, principalmente as que se referem à proteção de menores e mulheres”.

Nesse discurso, há a figura da mulher possuidora do sexto sentido e da mãe que dá proteção, evi-

denciando, portanto, o caráter meramente assistencial. Além desse caráter social, há, no Guia, imposições como: uso de baton, uso de esmalte claro nas unhas e obrigatoriedade de cabelos presos durante o horário de trabalho. Trata-se de regulamentos que, a nosso ver, acentuam a diferença entre homens e mulheres, uma vez que impõem hábitos especificamente femininos, não deixando opção de a mulher usar ou não baton, por exemplo.

2 O Corpus em análise

O presente trabalho objetiva analisar as produções escritas por policiais femininas da cidade de São José do Rio Preto, com vistas a detectar os discursos que sustentam tais produções.

O interesse pelo tema nasceu por ocasião de um curso de Língua Portuguesa que ministrávamos a esses profissionais, pois, a todo momento, percebíamos que o policial feminino apregoava ora um discurso de igualdade, ora de desigualdade em relação aos colegas do sexo masculino. A partir daí, nosso interesse foi o de verificar como o já dito retorna no novo dizer, orientados pela seguinte questão: nas produções escritas há movimentos de paráfrase ou de polissemia?

Nos textos analisados, observa-se que seus produtores, mulheres policiais, iniciam-nos procurando destacar a relação de igualdade em relação aos homens. Normalmente, o que se vê são colocações sobre a inserção da mulher no quadro da polícia militar, caracterizando, portanto, uma ruptura nos processos de significação: a mulher sai do espaço interno a ela confinado, passa a ocupar o espaço externo, não mais o da “cozinha”, como nos revelam os seguintes trechos, abaixo relacionados.

1 - *“A profissão de “policiaI feminino” é mais uma conquista da mulher, em um campo ocupado antes exclusivamente por homens”.*

2 - *“A mulher, na sociedade, vem desenvolvendo um excelente trabalho dentro das várias profissões, alcançando inclusive cargos que exigem liderança”*

3 - *“Diante da “Amélia, mulher de verdade”, muito de nós mulheres lutamos para conseguir um lugar de destaque que, em determinadas profissões, era privilégio dos homens”*

4 - *“Nos dias de hoje, é normal as pessoas vêem (sic) mulheres trabalhando em profissões, que antigamente, eram ocupadas só por homens”*

5 - *“No mundo inteiro e no trabalho, nós mulheres, estamos garantindo nosso espaço”.*

6 - *“A mulher a cada dia vai conquistando o valor de seu trabalho em várias profissões. É comum encontramos muitas delas ocupando*

cargos de confiança e respeito. A profissão de “PoliciaI Militar” é um exemplo claro, pois temos desde o Soldado Feminino até o Comandante”

Em todos os seis fragmentos está claro o novo posicionamento da mulher, a ruptura com o discurso de que ela é só para a cozinha e o surgimento do novo, isto é, ela pode exercer qualquer outra atividade. Surge, então, a mulher líder, a mulher que ocupa cargos importantes, a mulher, que diante da “Amélia”, que sabe lavar e cozinhar, luta para conseguir lugar de destaque, deixando implícito que a Amélia ocupa cargo inferiorizado.

Entretanto, esse discurso polissêmico não se sustenta no decorrer dos textos analisados, pois há a retomada do movimento parafrástico, isto é, há a retomada do discurso que distingue os dois sexos. Ocupando o mesmo cargo que os homens, as mulheres se vêem e são vistas de forma diferente em relação ao sexo oposto, pois o discurso figurativo da “mãe” perpassa muitas das produções, como se verifica nos fragmentos abaixo.

“A missão da polícia é servir a comunidade, portanto, a mulher com seu instinto materno o faz com delicadeza e austeridade”

“Na polícia Militar, é estabelecido às mulheres, no trabalho perante ao público, a aplicação da Polícia Comunitária, mais efetiva. Nós, ao meu ver, transmitimos mais segurança fraternal e mais carinho aos nossos “clientes” que geralmente são cidadãos com algum tipo de problema’, é claro”

“Mas apesar de tudo, tem algo positivo, desde a emoção de fazer um parto, entregar criança perdida ao seu responsável e muitos outros casos”

Nesses fragmentos, o discurso figurativo da mulher mãe e carinhosa retoma o já dito, endossa-o, pois reserva ao policial feminino tarefas meramente assistenciais, corroborando, assim, o discurso contido no guia da polícia feminina, como já assinalado anteriormente.

Outro ponto a assinalar sobre as redações analisadas refere-se ao fato de os policiais femininos se contradizerem no mesmo espaço textual. Nesse caso, mesmo preconizando a igualdade, negam-na explicitamente, como se pode verificar no fragmento abaixo.

“É comum encontrarmos muitas delas ocupando cargos de confiança e respeito. Na polícia militar, a seleção é semelhante à do policial masculino, desde os testes escritos até o físico só com uma diferença, a concorrência é feita somente entre as mulheres e o masculino somente entre os masculino”

Ao afirmar que é comum muitas mulheres ocuparem cargo de confiança e respeito, silenciou-se que tais cargos eram ocupados apenas por homens. Portanto, o que o produtor afirma é que, hoje, há a igualdade. Em seguida, entretanto, vê-se claramente o discurso da desigualdade, pois os exames para a carreira são feitos, considerando-se o gênero: as provas ocorrem separadamente, isto é, só para homens e só para mulheres.

Em uma outra produção, observamos que o sujeito, ocupando o lugar de policial feminino, emprega a primeira pessoa, para modalizar o enunciado, mas, ao falar dos policiais femininos, afasta-se do enunciado e usa a terceira pessoa, produzindo um efeito de sentido de objetividade. Trata-se, na verdade, de um afastamento do sujeito, que sai da individualidade e adota um ponto de vista geral.

“Na condição de policial feminina, creio que se torna mais difícil, pois elas lidam ainda com o preconceito que existe tanto da parte dos civis, como dentro da corporação. Enfrentam todos os preconceitos devido a condição de MULHER. Isso fica mais forte por ser um campo novo que estão conquistando, o qual era restrito aos homens.

O reconhecimento do trabalho desempenhado pelas policiais femininas é raramente reconhecido e elogiado. Já dos policiais masculinos é sempre reconhecido e elogiado, durante as solenidades existentes nos quartéis. O grande tabu é que estão sempre comparando a força do homem com a da mulher, e nisso elas ficam em desvantagem. Mas, no caso da Polícia Militar, as mulheres desempenham um excelente trabalho na parte burocrática, no trânsito, na área social, no trabalho com mulheres e crianças”

Nesse fragmento, o sujeito se posiciona contrariamente aos discursos que afirmam serem as mulheres incapazes de realizar todas as tarefas que o homem realiza. Reclama dos preconceitos e diferenças em relação ao tratamento dispensado ao policial feminino. Como seu posicionamento discursivo é contrário à prática concretizada, pode-se afirmar que este sujeito ocupa uma posição discursiva que defende a igualdade entre os gêneros. Mais uma vez, porém, esse discurso de igualdade não é sustentado: mais uma vez as mulheres desempenham excelente trabalho burocrático. Ora, isso é uma paráfrase do próprio guia do policial militar feminino, conforme já citado anteriormente.

Uma outra produção aborda o tema proposto de um modo neutro. Em outras palavras, o sujeito produtor não faz qualquer menção à mulher policial ou ao homem, simplesmente, fala sobre a vida de um policial que pode ser homem ou mulher, como se depreende nos fragmentos abaixo.

“O policial para a comunidade será sempre o guarda-costa de suas vidas, embora isso fosse

o ideal, entretanto todos sabemos o quanto esse sistema está ultrapassado no que se refere ao aparato de que seria necessário, restando somente o ser humano que habita em sua farda. Algumas pessoas os vêem como super-homem, entretanto, na realidade somos ser humano às vezes frágil, medroso e até falho, impossibilitado de superar as expectativas almejadas. Mas, apesar de tudo, amo ser policial”

Como podemos observar, o sujeito produtor não emite julgamentos sobre a mulher e a carreira policial. Ao contrário, projeta a formação imaginária da comunidade em relação ao policial, quer feminino, quer masculino. Trata-se de uma previsão do discurso do outro que é trazido para o texto: o policial é super-homem, é guarda-costa. É esse discurso que o sujeito questiona, é sobre esse discurso que o sujeito se posiciona e ao qual se opõe.

Há, portanto, instaurada a polêmica em relação às qualificações atribuídas ao policial, considerando-se o ponto de vista da sociedade e o ponto de vista do sujeito produtor, como se pode verificar abaixo.

Discurso da sociedade	X	Discurso do sujeito produtor
Policial é:		Policial é:
Guarda-costa		só resta o ser humano na farda
Idealizador		o dia-a-dia o faz frustrado
Super-homem		ser humano frágil, medroso

Como pudemos salientar, nesse texto, não há qualquer consideração a respeito da mulher, simplesmente o que se coloca em jogo é o discurso da sociedade e o discurso do policial.

A partir do posicionamento do sujeito manifestado no enunciado, pode-se afirmar que a sua posição discursiva caracteriza o movimento polissêmico. Assim, o sujeito rompe com o já dito, o consenso: mulher e homens são diferentes e adota a posição discursiva de igualdade entre os gêneros, pois em nenhuma passagem refere-se ao homem ou à mulher, ao contrário, emprega termos complexos que englobam ambos os sexos, como se depreende, por exemplo, em “um ser humano”.

Conclusões

Como dissemos no início deste trabalho, partimos da hipótese de que a mulher que opta pela carreira policial, justamente por ser esta caracterizada pela força, pela violência e por ser, até então, majoritariamente ocupada por homens, deve apresentar um discurso que se caracteriza por uma ruptura com o já dito sobre ser mulher, ser trabalhadora produtora. A esse mecanismo que rompe com os processos de significação dá-se o nome de polissemia.

Muito nos surpreendeu a análise dos textos produzidos pelos policiais femininos, pois a grande maioria manifestou, em suas produções, os mesmos discursos já ditos e apreendidos pelas classes sociais, ou seja, a mulher é diferente do homem não só do ponto de vista do sexo biológico, como também do ponto de vista do sexo social.

Na verdade, a mulher mãe, a mulher carinhosa, a mulher compreensiva, a mulher sexo frágil está presente, figurativizando os textos dos policiais femininos, evidenciando, portanto, os movimentos da paráfrase discursiva.

Os processos polissêmicos de significação, normalmente, à exceção do último texto, surgem no início da produção, em que as mulheres colocam-se em termos de igualdade em relação ao sexo masculino. Ressalte-se, porém, que essa tentativa de ruptura com o já dito não se sustenta até o final do texto. Nesse caso, parte-se do diferente, da polissemia, mas retorna-se ao igual, à paráfrase. Em outras palavras, a mulher policial é vista e se vê como diferente do homem policial. A mulher policial procura, a todo momento, salientar suas qualificações que lhe permitem ocupar as funções assistenciais e burocráticas, cabendo, portanto, ao homem realizar tarefas como o combate ao crime e à violência.

Finalmente, salientamos que a mulher opta pela carreira de policial militar não porque acredita que ela, mulher, é igual e pode desempenhar as mesmas funções que os homens, como se pôde depreender nos textos analisados por nós. Acreditamos que a opção feita pode ser fruto de outros fatores, tais como a necessidade econômica, por exemplo.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, R. *Policiais Femininas: contradições no universo feminino*. Dissertação de Mestrado - UNESP-Araraquara, 1992
- BRUSCHINI, C. *Estrutura familiar e vida cotidiana na cidade de São Paulo*. São Paulo: Cortez, 1986
- _____. *Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Vértice Editora, 1990
- GUIA OFICIAL DA CIDADE – *Araraquara hoje*. Editora LTN, 1992.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso*. Campinas: Pontes, 1999.
- VARIKAS, E. *Jornal da Damas: Feminismo no Século XIX na Grécia*. In *Relações sociais de gênero: relações do sexo*. Depto. Sociologia USP, 1989.